

O DISCURSO HUMORÍSTICO COMO CRÍTICA AO IMPERATIVO DA FELICIDADE NEOLIBERAL NO INSTAGRAM¹

Vinícius Costa Araújo Lira²

Francisco Vieira da Silva³

Resumo: O estudo investiga de que maneira o humor, enquanto estratégia discursiva, atua como forma de resistência ao imperativo da felicidade neoliberal no Instagram. Parte-se da compreensão de que a felicidade, concebida como exigência contemporânea, funciona como mecanismo de poder que regula afetos, práticas e modos de existência, encontrando na rede social antes referida um espaço privilegiado de circulação e normatização. A análise de quatro materialidades discursivas publicadas no Instagram possibilita observar o deslocamento de sentidos estabilizados sobre felicidade, de maneira a questionar o modus operandi da racionalidade neoliberal na instauração de formas de ser feliz.

Palavras-chave: Discurso; Humor; Felicidade; Neoliberalismo; Instagram.

¹O trabalho foi realizado com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento – 001.

²Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8938-7501>. E-mail: yccosta43@gmail.com.

³Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4922-8826>. E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br.

HUMOROUS DISCOURSE AS A CRITIQUE OF THE HAPPINESS IMPERATIVE ON INSTAGRAM

Abstract: This study investigates how humor, as a discursive strategy, acts as a form of resistance against the neoliberal happiness imperative on Instagram. It starts from the understanding that happiness, conceived as a contemporary demand, functions as a power mechanism that regulates affects, practices, and modes of existence, finding in the aforementioned social network a privileged space for circulation and normalization. The analysis of four discursive materialities published on Instagram allows for the observation of a shift in stabilized meanings of happiness, questioning the *modus operandi* of neoliberal rationality in the establishment of ways of being happy.

Keywords: Discourse; Humor; Happiness; Neoliberalism; Instagram.

INTRODUÇÃO

No filme *Divertida Mente* (2015), acompanhamos Riley, uma menina de 11 anos, que se vê obrigada a mudar de cidade com a família, deixando para trás a sua casa, os seus amigos e o ambiente no qual construiu suas primeiras lembranças. No centro do enredo, têm-se a personificação de cinco emoções: Alegria, Tristeza, Medo, Raiva e Nojinho, responsáveis por conduzir as ações de Riley a partir de um centro de controle localizado em sua mente. Desde o início, Alegria ocupa uma posição de liderança, buscando assegurar que Riley permaneça constantemente feliz, enquanto Tristeza é tratada como um elemento disfuncional, cuja participação nas experiências da menina deveria ser evitada. Em determinada cena, Alegria chega a desenhar um círculo no chão e pede que Tristeza permaneça ali, sem interagir com as memórias, numa tentativa de contenção/neutralização.

Com o desenrolar da narrativa, diante dos novos desafios advindos da mudança, Alegria intensifica seus esforços para manter a positividade a qualquer custo, tentando apagar/ressignificar experiências por meio da conversão das

memórias tristes em recordações alegres. No entanto, ao realizar o apagamento das memórias, torna-se evidente que a exclusão da Tristeza comprometeu profundamente a saúde emocional de Riley, que passa a agir com apatia, isolamento e dificuldades de expressar sentimentos.

Essa tentativa de neutralizar a tristeza, ainda que apresentada como cuidado ou proteção, evidencia como uma animação voltada ao público infantil encena a hierarquização dos afetos, por meio da qual determinadas emoções são legitimadas e outras, desqualificadas. Nessa lógica, afetos como a tristeza são deslocados para o campo do indesejável, sendo compreendidos como falhas a serem corrigidas, superadas ou eliminadas.

A narrativa inicial⁴ do filme traduz, assim, uma experiência social amplamente compartilhada na contemporaneidade: a felicidade aparece como valor supremo, convertida em norma, enquanto demais experiências afetivas, como a frustração, a tristeza, o sofrimento e o reconhecimento dos próprios limites, são progressivamente patologizadas e/ou silenciadas. Convém destacar, entretanto, que não se trata aqui de promover uma defesa do sofrimento, mas de problematizar um modelo que institui a felicidade como estado mandatário e de particular constituição atrelada à lógica neoliberal. Nesse sentido, como alertam Cabanas e Illouz (2022, p. 261), “o problema surge quando a positividade se torna uma tirana que responsabiliza as pessoas pela maior parte de seus infortúnios e sua impotência circunstancial, independentemente de quão míope, sem base ou injusto isso possa ser”.

Assim, a felicidade, atravessada pela racionalidade neoliberal (Dardot; Laval, 2018), é levada à condição de imperativo moral. Nesse regime, a felicidade deixa de ser

⁴ Por outro lado, no desfecho do filme, reconhece-se a função constitutiva da tristeza na experiência de vida de Riley, evidenciando seu papel nos processos de subjetivação de modo tão relevante quanto o das demais emoções.

compreendida como uma possibilidade entre outras experiências da vida e passa a operar como critério de valor dos sujeitos, vinculando bem-estar, sucesso e desempenho a uma lógica de responsabilização.

Somando-se a essa discussão, ao navegar em determinadas redes sociais, e mais contundentemente pelo *Instagram*⁵, um dos aspectos evidenciados é a construção de uma vitrine de vidas idealizadas. O *feed* e os *stories* se tornam espaços de exibição de corpos estéticos, viagens, conquistas profissionais e estilos de vida que se apresentam como metas desejáveis e, até mesmo, universalizáveis. O mecanismo da curtida e o número de seguidores funcionam como índices de validação, incentivando a comparação entre os sujeitos e instaurando uma dinâmica de performatividade do sujeito feliz. Trata-se de um espaço no qual a vida não apenas é compartilhada, mas, cuidadosamente, editada para corresponder a um ideal normativo de bem-estar.

De modo semelhante, uma torrente de conteúdos motivacionais e de autoajuda circulam na plataforma. Postagens com frases inspiradoras, dicas de produtividade, promoção da resiliência e recomendações sobre a manutenção do pensamento positivo configuram a engrenagem de saber-poder que incita os sujeitos à autogestão. Dessa forma, o Instagram não apenas torna visíveis determinados modos de vida, mas também participa da produção e da circulação de normas de conduta, favorecendo, por meio dos mecanismos algorítmicos que organizam a visibilidade dos conteúdos, a ampla difusão de discursos que reforçam a centralidade da autogestão orientada pelo ideal contemporâneo de felicidade fomentados pelo algoritmo, posto que este produz "certo número de regularidades e determinismos que podemos

⁵ Trata-se de uma das redes sociais mais populares do mundo. Voltada ao compartilhamento de fotografias e vídeos, ao envio de mensagens diretas, além da realização de transmissões em tempo real. Em junho de 2025, de acordo com a empresa de software Napoleoncat, o Brasil registrou mais de 143 milhões de usuários no *Instagram* (Piva, 2025).

aproximar, guardadas todas as proporções, das formações discursivas" (Paveau, 2021, p. 40), uma vez que intervém na organização da circulação e da visibilidade dos enunciados nos ambientes digitais.

Contudo, dentro da própria plataforma, emergem também linhas de fuga, mecanismos de resistência que se valem de estratégias discursivas como o humor para deslocar e tensionar tais sentidos. Perfis como @cienciapaulo, @fabiane_langona, @pedrovinicio80 e @rccartum recorrem a cartuns, charges e tiras que, ao explorar o humor, não apenas provocam um efeito de estranhamento diante da lógica da positividade exacerbada, mas também (re)inscrevem a possibilidade de pensar a experiência cotidiana de outro modo. Trata-se do humor gráfico, cuja tradição em termos de gênero vincula-se à crítica social e política. No ambiente digital, esse repertório é atualizado como estratégia de discursivização e resistência, também, dentre outras temáticas, ao imperativo da felicidade, evidenciando fissuras por onde circulam discursos outros, capazes de subverter poderes estabelecidos.

O trabalho lança mão dos Estudos Discursivos sob o viés de Foucault (1995, 2008a, 2008b, 2005), que se constituem pela articulação de três eixos de seu pensamento: a arqueologia, a genealogia e a ética e estética do sujeito.

Tal abordagem permite escrutinar as condições históricas de emergência do modelo de felicidade neoliberal, os enunciados e os saberes nele evidenciados, bem como a ordem do discurso que os sustenta: dimensão que se inscreve no momento arqueológico. Esse movimento possibilita compreender de que maneira tais elementos se articulam às práticas de governo das condutas, por meio de mecanismos de poder, regulação e também, em linhas de fuga, a resistência: questões caras ao viés genealógico. Paralelamente, a arqueogenealogia permite analisar a produção de modos específicos de subjetivação, vinculados a um *ethos* contemporâneo orientado pela busca da vida feliz, dimensão

que remete ao momento ético e estético do pensamento foucaultiano.

Assim, o estudo objetiva analisar como o humor como estratégia discursiva atua na construção de formas de resistência ao imperativo da felicidade no âmbito do Instagram. Foram escolhidas para análise quatro materialidades discursivas publicadas nos perfis de humor @cienciapaulo e @pedrovinicio80.

Com o objetivo de reduzir interferências decorrentes de preferências previamente registradas pela plataforma e de estabelecer um ambiente de observação mais controlado, foi criado um perfil específico no *Instagram* destinado exclusivamente às atividades desta pesquisa. Esse perfil foi utilizado apenas para acompanhar páginas voltadas à produção de humor gráfico, o que permitiu direcionar o sistema de recomendação algorítmica da plataforma para a exibição recorrente desse tipo de humor. A partir desse processo, foi possível mapear um conjunto de artistas produtores e identificar as temáticas com as quais trabalham.

Com base nesse mapeamento inicial, realizamos uma triagem qualitativa orientada pela convergência entre as temáticas abordadas nas produções humorísticas e o objeto de investigação deste estudo. Nesse sentido, seguimos os seguintes critérios: i) enunciados humorísticos que subvertessem a felicidade como obrigação; ii) enunciados humorísticos que rompessem com a lógica empreendedora do sujeito voltada para si mesmo, especialmente no que se refere à gestão das próprias emoções; iii) enunciados em que o humor, como forma de resistência, tornassem dizíveis o fracasso, o tédio, a preguiça, entre outros aspectos que a concepção neoliberal de felicidade tende a banir; e iv) enunciados humorísticos que criticassem a encenação performática da felicidade no ambiente digital.

A seleção dos perfis considerou três critérios principais, a saber: (i) a recorrência periódica de publicação de humor gráfico (cartuns, charges e tiras); (ii) a abrangência social

diferenciada na plataforma, permitindo observar o humor gráfico em distintos níveis de alcance, considerando a quantidade de seguidores; e (iii) a temática relacionada ao cotidiano, às experiências subjetivas contemporâneas e sua criticidade; critério no qual foi possível identificar a possibilidade de materialidades com relevância temática ao nosso objeto de estudo.

Além desses, foram considerados aspectos operacionais, como o acesso público às postagens, a estabilidade das contas durante o período de observação e a viabilidade de acompanhamento sistemático do conteúdo, assegurando condições adequadas para a coleta e organização do *corpus*.

BREVE INCURSÃO SOBRE AS TEORIZAÇÕES FOUCAULTIANAS

Em vez de buscar verdades universais, irrefutáveis e totalizantes, Foucault se dedicou a investigar os regimes de verdade que emergiram historicamente em determinadas conjunturas, trazendo à tona os jogos de saber e poder que os sustentam. A preocupação do autor não esteve em dizer o que é verdadeiro em termos absolutos, mas em compreender como algo se torna verdadeiro em uma dada época, sob determinadas condições de possibilidade. É, de fato, um diagnosticador do presente, expressão que outorgou a si, assumindo o olhar clínico de um médico prestes a emitir o laudo de uma constatação, sensível aos sinais tênues e aos sintomas que revelam as tramas nas quais repousam as verdades, as subjetividades, os regimes de poder, a história e as práticas sociais que as constituem (Foucault, 1997).

Essa pluralidade tem levado estudiosos a propor uma divisão temática de sua trajetória intelectual em três eixos, que, embora relativamente distintos em seus focos analíticos, permanecem profundamente (inter)ligados.

No primeiro eixo, denominado de arqueologia, observa-se uma atenção aprofundada ao escrutínio dos saberes que

constituem os discursos, sobretudo no esteio das Ciências Humanas. Nessa abordagem, Foucault concentrou-se nas condições históricas que tornam possível a emergência de determinados enunciados como legítimos, inteligíveis e válidos dentro de específicos domínios do saber. O foco incide sobre as regras que regulam o que pode ser dito, quem pode dizer, em quais condições e com quais efeitos de verdade.

Esse esforço analítico implica uma redefinição do modo como se compreende a própria história: não mais como uma linha contínua e progressiva, mas como um campo de descontinuidades, rupturas e emergências que configuram diferentes discursos. A história, sob esse prisma, é como um sítio a ser escavado, da mesma forma como o arqueólogo investiga as camadas do solo em busca de vestígios de civilizações anteriores, daí a escolha do autor pela terminologia arqueologia.

A análise arqueológica permitiu a Foucault escrutinar os saberes estabelecidos e explicitar as regras que condicionam a produção dos discursos; no entanto, à medida que sua investigação avançou, tornou-se evidente que os discursos não existem isoladamente, mas estão imbricados em relações de força. Essa constatação impulsionou em um deslocamento que o conduziu à genealogia, abordagem inspirada em Nietzsche, com a qual Foucault intensificou o exame dos vínculos entre saber e poder.

A genealogia se propõe a cartografar as relações de força que operam sobre os corpos, as condutas e os modos de subjetivação, revelando os mecanismos sutis e difusos por meio dos quais as relações de poder atravessam e conformam a sociedade. Nesse eixo, Foucault passou, então, a investigar os efeitos de poder que constituem normas, categorizam populações e disciplinam os sujeitos. Trata-se do poder investido em uma positividade, isto porque ele possibilita a uma gama de produção. A partir dessa inflexão articulou-se conceitos como disciplina, vigilância, normatização,

biopolítica, biopoder, governamentalidade, dispositivo, resistência, entre outros.

No terceiro e último eixo do pensamento foucaultiano, delineia-se uma inflexão que amplia e aprofunda as investigações anteriores, voltando-se para os modos como os sujeitos se constituem a partir de suas relações consigo mesmos. Se, na genealogia, Foucault já havia deslocado o sujeito da posição de origem do discurso para situá-lo como efeito de práticas e dispositivos de poder, agora o autor francês o interroga não apenas como produto de forças externas, normatizadoras, condutoras de condutas, mas também como agentes de sua própria constituição, especialmente no que se refere às práticas éticas e estéticas de si mesmos.

Dessa inflexão, emergem problematizações como cuidado de si, estética da existência, parresia, e governo de si e dos outros. A subjetividade é, assim, compreendida como um campo de práticas históricas, moldada por forças sociais e discursivas, mas também reconfigurada por estratégias singulares de resistência.

Tendo registrado esse breve panorama do pensamento do autor francês, passemos agora a uma observação mais focalizada sobre alguns conceitos da caixa de ferramentas foucaultiana.

A noção de *discurso* em Foucault é fundamental para compreender os modos pelos quais o saber e o poder se entrelaçam na vida social. Em vez de recorrer às noções de tradição, influência, desenvolvimento, evolução, mentalidade, espírito de época e às unidades aparentemente evidentes de livro, obra e autor – para citar algumas categorias consolidadas em certas tradições analíticas das quais o filósofo propõe pensar criticamente acerca da naturalização destas, Foucault (2008a, p. 31, grifos nossos) sugere “renunciar a todos esses temas que têm por função garantir *a infinita continuidade do discurso* e sua *secreta presença* no jogo de uma ausência sempre reconduzida”, pois é em sua descontinuidade que ele é apreendido e deve ser analisado, isto “em sua irrupção de

acontecimentos” (Foucault, 2008a, p.31), em caráter pontual, em que não seja necessário procurar determinada origem de determinado discurso, mas tratá-lo “no jogo de sua instância” (Foucault, 2008a, p. 31).

O discurso é, assim, histórico: ele emerge em condições determinadas e não pode ser pensado fora do tempo e do espaço em que se produz “nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços (Foucault, 2008a, p.31)”. Ele ocorre na linguagem e pela linguagem, mas não se reduz a ela, uma vez que se inscreve em práticas sociais mais amplas que organizam os modos de dizer, de enunciar e de tornar certos enunciados possíveis. Nessa perspectiva, analisar o discurso significa submeter-se a um feixe de condições históricas que regulam sua existência, afastando tanto a busca por origens fundadoras quanto a ilusão de uma continuidade ou mesmo atemporalidade.

Foucault propõe, ainda, uma abordagem que trata o enunciado como um acontecimento, ou seja, irrompe situado em um dado momento, haja vista que está submetido a um discurso, que, como vimos, também é histórico, sendo que seus efeitos de sentido são percebidos e analisados através de sua singularidade. Por isso ele o define como sendo uma função. Em suas palavras: “[...] o enunciado não é, pois, nem uma unidade gramatical, nem uma unidade lógica, nem uma unidade de significação, mas sim uma função que pode se exercer por meio de uma série de formulações distintas” (Foucault, 2008a, p. 120).

Para ilustrar essa ideia, Foucault recorre a uma analogia com a física, pensando o enunciado como uma espécie de átomo do discurso – a menor unidade passível de ser descrita, mas que só faz sentido quando considerada dentro de uma rede de regras e condições que possibilitam sua existência. Assim como o átomo não é isoladamente representativo da matéria, o enunciado também não é compreensível fora do sistema de relações que o constitui. Ele pressupõe alguns

elementos: a) referencial com um domínio de objetos, que estabelece as correlações entre os objetos e o enunciado; compreender o enunciado exige mais do que identificar uma frase ou proposição pois é o enunciado que faz a frase ser uma frase, a proposição ser uma proposição, e ao ato ilocutório ser percebido assim. b) posição de sujeito, que distribui lugares possíveis de enunciação, quem pode falar e sob quais condições; c) domínio associado, o qual corresponde à rede de outros enunciados com os quais cada enunciado mantém relações de retomada, deslocamento, oposição ou continuidade, já que nenhum dizer surge isoladamente; e d) materialidade repetível, que é a inscrição concreta do enunciado em suportes materiais que possibilitam sua circulação, repetição e reinscrição em diferentes situações discursivas produzindo efeitos de sentido.

Já em relação ao poder, convém enfocar que se tornou recorrente no pensamento foucaultiano, sobretudo, na década de 1970, por meio da visada genealógica. Contudo, torna-se mister salientar que não foi uma proposta do autor em seus estudos desenvolver uma teoria geral do poder, o que ele faz é observar, através de materialidades discursivas historicamente situadas, como este funciona; ou seja, uma analítica do poder em sua operacionalidade (Castro, 2009). Pelo que diz acerca de tal analítica: “Nessa análise, trata-se simplesmente de saber por onde isso passa, como se passa, entre quem e quem, entre que ponto e que ponto, segundo quais procedimentos e com quais efeitos” (Foucault, 2008b, p.3-4).

A preocupação foucaultiana não é responder à pergunta “o que é o poder?”, mas interrogar “como o poder funciona?”. Trata-se, portanto, de uma investigação que visa a elucidar dispositivos, mecanismos e estratégias por meio dos quais o poder se exerce ou até mesmo se subverte (Foucault, 1995). Por isso, o movimento foucaultiano em torno do poder se dá na forma de, em suas palavras, uma *filosofia analítica do poder*.

Assim, o poder não se funda em si e nem se origina de um ponto fixo ou soberano. Ele não possui uma essência ou

uma origem transcendente, mas se constitui em um conjunto de múltiplas relações microfísicas de várias naturezas operacionais, como nos jogos sociais, saberes, leis, corpos institucionais entre outras, percebidas pelo senso comum como grandes ou pequenas, mas sem que haja distinção, pois o poder a todos atravessa.

Dessa feita, “Não haveria, por exemplo, relações de tipo familiar que tivessem, a mais, mecanismos de poder, não haveria relações sexuais que tivessem, a mais, ao lado, acima, mecanismos de poder” (Foucault, 2008b, p. 4). Essa formulação rejeita a ideia de que há um “fora do poder”, um espaço onde as relações humanas se dariam em liberdade absoluta e, posteriormente, seriam corrompidas ou disciplinadas. Para Foucault (2008b), o poder é imanente às relações sociais, o que significa que ele não vem de fora, mas se exerce dentro, intrinsecamente por meio e através dessas relações. O poder existe em seu exercício, e é por isso que se deve estudá-lo a partir de sua materialidade “num momento dado, durante um período dado, num campo dado” (Foucault, 2008b, p.5).

Assim, o poder é concebido por Foucault como relacional, imanente e difuso – disseminando-se por todos os pontos do corpo social – também se dissemina, de forma coextensiva, a possibilidade de resistência. Uma das proposições mais emblemáticas do pensamento foucaultiano sustenta precisamente essa perspectiva: “[...] onde há poder há resistência” (Foucault, 2025, p. 104). Essa resistência, contudo, não se coloca em um campo exterior ao poder, nem surge como sua negação pura e simples; ela emerge a partir das próprias condições que o poder estabelece, como contraconduta, como invenção de outras formas de ser, de viver e de se governar.

Essas contracondutas operam como práticas de liberdade que se inscrevem nas fissuras do poder, escapando das normatizações e subvertendo os dispositivos que tentam fixar os corpos e identidades. São gestos de recusa, de deslocamento e de reapropriação subjetiva que resistem aos

efeitos de dominação e buscam reconfigurar as formas de vida possíveis. Para Revel (2005, p. 76), “[...] não é, portanto, fundamentalmente contra o poder que nascem as lutas, mas contra certos efeitos de poder, contra certos estados de dominação, num espaço que foi, paradoxalmente, aberto pelas relações de poder”.

APONTAMENTOS SOBRE O IMPERATIVO DA FELICIDADE NEOLIBERAL E O HUMOR COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA

O neoliberalismo aqui é concebido não apenas como um conjunto de reformas econômicas, mas como uma racionalidade política e governamental, capaz de absorver e ser potencializada em uma lógica empresarial como modelo para toda a vida social, culminando em um homem-empresa. Trata-se de um modo de governar, que resolve os impasses do liberalismo clássico ao redefinir a relação triangular entre Estado, mercado e sociedade sob outro *modus operandi*. É mister considerar também a escolha da nomenclatura *racionalidade*. De acordo Dardot e Laval (2016), essa designação assinala que o neoliberalismo não deve ser entendido como uma simples forma de política ou como uma lógica econômica, mas como uma forma abrangente de governo dos homens e das condutas. A noção de racionalidade enfatiza, portanto, o caráter produtivo e normativo do neoliberalismo, que se estende para além das esferas estritamente econômicas, conformando modos de subjetivação, padrões de comportamento e governar a si e os outros.

Nesse regime, o modelo da empresa deixa de ser um agente secundário da relação econômica e passa a funcionar como princípio governamental-organizador cujo foco se dá em um viés de perda e ganho, a partir de uma constante avaliação de desempenho, risco e responsabilidade individual, coadunando uma espécie de gerência de si.

Para manutenção deste aspecto, recursos como a formação continuada entram à baila juntamente com cursos de atualização profissional, certificações constantes, treinamentos corporativos, métricas de desempenho personalizadas, avaliações de produtividade em tempo real e até práticas difundidas por discursos de *coaching*. Some-se a isso o estímulo ao cultivo permanente de competências como resiliência, adaptabilidade e proatividade – que reforçam a lógica de que o valor subjetivo está atrelado à capacidade de se manter competitivo, atualizado e permanentemente vendável no mercado. Esse mecanismo de poder não apenas sustenta a competição, mas a internaliza, transformando-a em norma subjetiva e critério de autovalidação. Desse modo, o descanso e o ócio são vistos como empecilhos para uma possível melhoria de si.

Como explicam Dardot e Laval (2016), o neoliberalismo promoveu a lógica de que cada sujeito deve funcionar como uma empresa de si, deste modo, uma certa positividade do emocional/psicológico torna-se, então, um ativo essencial na economia da performance, devendo ser cultivada para manutenção dos índices de eficácia. Em vias de uma autorresponsabilização, traz a reboque a cruel imposição de que a “felicidade e infelicidade são escolhas” (Cabanas; Illouz, 2022, p.14).

O que antes pertencia ao campo da ética, da filosofia ou da experiência subjetiva, torna-se, agora, objeto de quantificação técnica, tratado por escalas e índices objetivos, tais como: aplicativos de bem-estar, questionários de autoavaliação e índices globais, como o Relatório Mundial de Felicidade (World Happiness Report), no qual a felicidade é avaliada a partir de variáveis como PIB per capita, expectativa de vida, saúde, redes de apoio social, percepção de corrupção e liberdade para fazer escolhas de vida, as quais são convertidas em uma pontuação média atribuída a cada país. Assim, a felicidade é reduzida (leia-se esmiuçada) a dados numéricos, comparáveis e hierarquizáveis. Nessa lógica, sentir-se bem,

para além de ser uma vivência íntima, converter-se em índices e estatísticas, uma vez que a psicologia positiva outorgou o *status* de ciência para esses discursos.

Convém destacar que a psicologia positiva constitui um movimento desenvolvido no final da década de 1990, sobretudo a partir dos trabalhos de Martin Seligman, que se propôs a deslocar o foco da psicologia tradicional, historicamente voltada ao diagnóstico e tratamento de patologias, para o estudo das potencialidades humanas, das virtudes e dos aspectos considerados saudáveis da experiência subjetiva. Organizada em torno de categorias como florescimento, desenvolvimento pleno e promoção do bem-estar, a abordagem orienta-se pela busca do aprimoramento de si, instituindo como horizonte a maximização das capacidades subjetivas (Paludo; Koller, 2007).

De acordo com essa gestão de si, a psicologia positiva reforça essa lógica ao estabelecer uma dicotomia entre emoções “positivas” e “negativas”, que passa a estruturar avaliações subjetivas. Cabanas e Illouz (2022, p. 229-230) mostram como essa separação legítima uma hierarquia emocional, a partir da qual o otimismo, a gratidão e o entusiasmo são incentivados, enquanto a tristeza, a raiva ou a frustração devem ser evitados, a fim de produzir sujeitos mais resilientes e psiquicamente eficazes. O sujeito “negativo” torna-se um desvio, um risco, tanto para si quanto para o bom funcionamento coletivo, pois na lógica de autorresponsabilização e gerenciamento de si, mesmo os afetos precisam estar inseridos na relação de perda e ganho.

No que se refere ao humor e como pode atuar na constituição de estratégias de resistência, compreendemos, a partir de Eagleton (2020, p. 108), a ambivalência constitutiva do riso: ele pode sustentar consensos sociais e reforçar a ordem vigente, mas também funcionar como arma de contestação, estratégico contra estruturas de poder ao não tratar com seriedade aquilo que a hegemonia reveste de gravidade, pelo que assevera “o humor é tanto elo quanto arma”, assumindo

assim um tom político (Eagleton, 2020, p. 108). Nessa tônica, o humorista/comediante/chargista/etc. atua como equilibrista na corda bamba, aproximando-se do cotidiano social para captar fragilidades, mas mantendo distância crítica para transformá-las em riso e reflexão, embora essa não seja sua pretensão unívoca.

A partir das reflexões de Eagleton (2020), considera-se que o humor pode ter dupla função “humor como transformação e humor como avilte” (Eagleton, 2020, p. 114), uma vez que essa mesma proximidade pode resultar na adesão às convenções dominantes, quando o humor passa a operar pela repetição de estereótipos, pela banalização da violência ou pela naturalização de desigualdades, deixando de tensionar o social para acomodar-se às formas já estabilizadas de poder. Ou seu oposto transformativo.

Seja de modo reprodutivo, seja de modo resistivo, o humor, potencializado pelas dinâmicas de circulação do digital contemporâneo, tem seus efeitos ampliados: humor gráfico, memes, esquetes, figurinhas de aplicativos de mensagens e vídeos curtos circulam rapidamente, promovendo engajamento e maior acesso aos discursos empreendidos nessas produções.

Nesse sentido, como afirma Santos (2017, p. 46), “constata-se que o humor brota das condições históricas, sociais e culturais”, o que implica reconhecer que o humor produzido no ambiente digital se constitui a partir das condições de possibilidade discursivas próprias desse espaço de circulação. Todavia, tais discursos humorísticos não emergem de qualquer forma; elas se materializam em formas relativamente estáveis de enunciação e circulação, isto é, em gêneros discursivos específicos, por meio dos quais seus efeitos de sentido se tornam possíveis.

DISCURSO HUMORÍSTICO COMO CRÍTICA AO IMPERATIVO DA FELICIDADE NEOLIBERAL

Uma das críticas ao projeto de felicidade neoliberal, conforme argumentado por Cabanas e Illouz (2022), reside na imposição de uma manutenção contínua de um estado mental positivo, conforme promulgado pela Psicologia Positiva. É precisamente sobre essa dimensão que selecionamos, do interior do arquivo analisado⁶, quatro materialidades de humor gráfico, os quais constituem e discursivizam tal temática.

Figura 1: Aprisionado pelo otimismo



⁶ Este estudo constitui um recorte de um trabalho mais amplo, em que foram analisadas dezesseis materialidades de humor gráfico publicadas no *Instagram*. O objetivo do estudo consistiu em investigar como o humor, enquanto estratégia discursiva, produz formas de resistência ao imperativo da felicidade neoliberal no *Instagram*.



Fonte:

<https://www.instagram.com/p/C5qYFg6Lkah/?igsh=Z3o4YjkybXlzeHow>

O cartum do perfil @cienciapaulo apresenta um *emoji* sorridente (*smiley face*), cuja arcada dentária se configura como grades de confinamento, por trás das quais observa-se um homem, com semblante de tristeza, acompanhado do enunciado “aprisionado pelo otimismo”.

O enunciado verbo-visual denota efeitos de sentido nos quais o otimismo, tal como promovido pela Psicologia Positiva, submete os sujeitos a uma condição de prisioneiros do próprio sistema que promete “virtudes positivas, como a felicidade, a resiliência, o otimismo e a gratidão” (Camalione; Bocallandro, 2017, p. 208). Mas, por fim, engendra o oposto. Diante exposto, cabe o questionamento: por que o otimismo, um aspecto de personalidade tido por positivo seria representado como causa de encarceramento?

Uma das explicações para que isso ocorra reside no caráter obrigatório e impositivo que a positividade adquire no esteio dos discursos sobre felicidade. Embora a Psicologia Positiva defenda que o otimismo conduz ao bem-estar e a níveis elevados de felicidade, a transformação desse discurso em um imperativo gera um efeito contrário, pois cria nos sujeitos a urgência em evitar qualquer forma de consideração sobre o lado negativo das adversidades.

Dessa forma, a busca pelo otimismo deixa de ser uma consequência natural e torna-se uma prática de auto-imputação autovigilante e perene, na qual o sujeito deve monitorar-se constantemente para manter uma saúde mental adequada. Assim, nesse viés de felicidade, “Otimismo, esperança, autoestima e bem-estar vieram a ser enquadrados na categoria de saúde mental completa, enquanto pessimismo, insegurança e insatisfação com a vida seriam classificados como saúde mental incompleta” (Cabanas; Illouz, 2022, p. 231).

A legenda da postagem enuncia que “Tudo vai melhorar, tudo vai melhorar, tudo vai melhorar...” funciona como extensão dessa lógica. A repetição incessante e automatizada do enunciado assemelha-se a um mantra cuja função parece menos relacionada à transformação da realidade e mais à manutenção compulsória de um estado emocional supostamente ideal.

Dessa forma, o cartum opera como uma prática discursiva de resistência ao expor, por meio da metáfora de que o otimismo (um sentimento ou estado mental) é tratado como se fosse uma prisão física e sua relação paradoxal, em que a inversão constitutiva de um ideal socialmente tomado como benéfico, mas que pode produzir efeitos de sofrimento. Ao tornar visíveis os efeitos normalizadores da racionalidade neoliberal da felicidade e o caráter coercitivo do bem-estar elevado à condição de obrigação, a posição-sujeito inscrita no cartum não apenas problematiza o ideal do otimismo permanente, como também o reinscreve no campo do sofrimento psíquico que ele próprio tende a obscurecer. Desse modo, tensionam-se os limites de um certo consenso sobre a felicidade, abrindo espaço para formulações contra-hegemônicas, tal como se observará também nas análises subsequentes.

Figura 2: Carrossel @pedrovinicio



Fonte:

https://www.instagram.com/p/CjnkclHOZD9/?img_index=5&igsh=dTRIMXYxdG5sM2Fp.

A Figura 2 exibe parte da postagem em formato de carrossel composta por seis cartuns desvinculados de correlação entre si. Para esta análise, fizemos um recorte de dois desses cartuns dada a relevância para temática aqui discutida.

Importante destacar, antes, o estilo de traço utilizado pelo cartunista Pedro Vinício. No seu trabalho artístico, Pedro faz uso de muitas cores e personagens de aparência psicodélica com formas visualmente instáveis e até mesmo remetendo a uma estética dos desenhos feitos por crianças. O estilo é propositalmente rudimentar, marcado por linhas sobrepostas, ausência de perspectiva realista e composição gráfica pouco regular com figuras antropomórficas que apresentam deformações corporais, como olhos desalinhados, membros

desproporcionais e expressões faciais ambíguas. Esses aspectos reforçam certo tom psicodélico na obra, haja vista que é recorrente no trabalho do artista questões psíquicas e existenciais e esse estilo de traço coaduna-se com essa visão, incluindo certa promoção da imperfeição advinda com as rasuras que sempre faz em seus desenhos.

Isto posto, no primeiro cartum, é marcada a relação entre o discurso motivacional e o estado psicológico do sujeito a partir do enunciado “não deixe que uma frase motivacional alegre seu dia triste”. Na Psicologia Positiva, o estado emocional esperado é aquele associado a uma constante positividade e ao bem-estar (Cabanas; Illouz, 2022). Nesse sentido, a tristeza é enquadrada como um desvio a ser corrigido ou superado por meio de pensamentos e atitudes positivas frente à vida. O sujeito positivo é o ideal de bom cidadão, pois é eficaz e produtivo.

Desse modo, por meio do imperativo “não deixe”, que mimetiza o tom normativo característico dos discursos de autoajuda/coaching/motivação, a posição de sujeito desloca a orientação esperada de superação do estado de tristeza por meio de uma reação positiva, propondo, em vez disso, a suspensão dessa exigência.

É nesse sentido, marcado pelo absurdo e rompimento de expectativa, que o humor do cartum emerge. A respeito do humor suscitado pela quebra de expectativa, concepção estabelecida por Kant (1995), Propp (1992, p. 145) pondera que “a teoria de Kant precisa apenas de um reparo: o riso surge somente quando a expectativa frustrada não leva a consequências sérias ou trágicas”. No caso do cartum, a expectativa frustrada remete a uma exterioridade discursiva mais ampla: em uma sociedade atravessada pelo imperativo da positividade, espera-se que enunciados sobre a tristeza apontem para sua superação. Ao deslocar essa lógica, ainda que humoristicamente, a permanência nesse estado tido como negativo, sem que disso decorra qualquer consequência grave,

o cartum apresenta a tristeza em tom corriqueiro e natural, desprovida de dramaticidade e legitima esse estado.

Assim, os efeitos de sentido inerentes à conjuntura explicitam a tensão entre a experiência da tristeza e a pressão por sua neutralização urgente, apresentando o dia triste não como um erro a ser corrigido, mas como um estado que resiste à lógica da positividade compulsória, o que há, portanto, é a possibilidade de vivência desse dia no qual há a presença da tristeza e sua permanência.

No tocante ao segundo cartum, vemos a materialização “A gente nasce, cresce, tenta ser feliz e morre”, organizando em linearidade. O uso da expressão coloquial “a gente” produz um efeito de generalização e inclusão do leitor/internauta, ao mesmo tempo em que confere ao dizer um tom cotidiano/informal, pois, dessa forma, todos estariam situados no interior da condição apontada. Em seguida, a posição de sujeito no cartum toma de empréstimo, a partir de um domínio associado (Foucault, 2008a), um enunciado amplamente difundido no campo biológico e pedagógico, atrelado à descrição do ciclo da vida, tradicionalmente apresentado como nascer, crescer, reproduzir e morrer. Entretanto, ao substituir a etapa da reprodução pela tentativa de ser feliz, tem-se um deslocamento que coloca em foco uma das etapas da vida para uma exigência socialmente imposta.

A contraposição ao imperativo neoliberal da felicidade é linguisticamente marcada pelo verbo “tentar”. A tentativa, nesse sentido, não pressupõe a garantia de um resultado bem-sucedido, mas indica um movimento marcado pela possibilidade, inclusive, do fracasso. Os elementos artísticos explicitam esse efeito ao demonstrarem personagens com feições ambíguas, rindo e chorando ao mesmo tempo.

Sob os moldes neoliberais, a felicidade é uma busca constante em que “[...] todo mundo, não importa quão satisfeitos ou chateados, sempre precisa de mais felicidade, aqui retratada como um aumento contínuo do positivo, e não mera ausência do negativo” (Cabanas; Illouz, 2022, p. 178).

Desse modo, o sujeito é instado a se manter em constante autoaperfeiçoamento emocional, convertendo a felicidade em um projeto infinito de otimização do eu.

O discurso do cartum, ao contrário, reinscreve a felicidade não como meta alcançável, mas como tentativa, o que se contrapõe a lógica meritocrática e performativa que sustenta a promessa neoliberal de felicidade. Há ainda o gesto irreverente de um nariz/braço erguido com o dedo médio levantado, gesto reconhecido como expressão de afronta, rejeição ou recusa. Esse gesto denota certa ruptura com a expectativa de docilidade emocional e adesão às normas de positividade, funcionando como marca visual de insubordinação. Ao ser inserido em uma cena marcada por sofrimento e ambiguidade emocional, o gesto reforça a tensão entre a exigência social de felicidade e a experiência concreta de exaustão subjetiva, sem estabilizar um sentido único para essa recusa.

O humor aqui desponta da relação paradoxal entre a tentativa de ser feliz e ao mesmo tempo a tristeza estampada no rosto das personagens desse cartum, e, possivelmente “(d)a gente”, evidenciando a frustração gerada por essa tentativa. E nisso podemos flagrar o funcionamento das resistências ao imperativo da felicidade neoliberal, uma vez que, conforme assinala Foucault (2025), toda relação de poder engendra, em seu próprio interior, pontos de resistência capazes de tensioná-lo.

Passemos, a seguir, para a análise do próximo cartum, também do perfil @pedrovinicio80.

Figura 3: Posso te fazer feliz?



Fonte:

https://www.instagram.com/p/C4gl9RfPIiB/?img_index=2&igsh=ZWh5am5hZ3g0Y3Vx

Semelhantemente aos cartuns da análise anterior, este faz parte de um conjunto de seis cartuns tematicamente independentes agrupados em um *post* de carrossel no *Instagram*. Neste há duas personagens conversando entre si: o personagem da cor laranja com feição assustada pergunta ao da cor rosa se poderia fazê-lo(a) feliz, ao que o personagem rosa responde “mas nem você está feliz”, o qual exibe uma feição de sorriso, ainda que desconcertado.

Seligman (2011), autor pioneiro da Psicologia Positiva, em seu livro *Florescer: Uma nova e visionária interpretação da felicidade e do bem-estar*, defende que os relacionamentos interpessoais constituem um pilar fundamental para uma vida plenamente feliz. Para ele, a conexão com os outros atua simultaneamente como essencial diante das adversidades e catalisador para a amplificação dos momentos de alegria.

Nessa perspectiva, a solidão é compreendida como um estado com capacidade de debilitação mental, de modo que a construção e a manutenção de vínculos sociais robustos são alçadas à condição de fundamento básico para o florescimento humano, em suas palavras “são os relacionamentos que dão sentido e propósito à vida” (Seligman, 2011, p. 31).

Em um domínio associado, o cartum faz ecoar o tom característico dos discursos de *coaching*, na medida em que o personagem assume a posição de quem pretende orientar o outro rumo à felicidade, colocando-se como agente de condução de condutas. Assim, o estado de felicidade parecer ser o resultado de uma produção por meio dessa relação, seja através de amizade, afeto amoroso, entre outras relações interpessoais.

Em Foucault (2006), a relação entre governo de si e governo dos outros mostra que, desde a ética antiga, o cuidado de si (*epiméleia heautoû*) figurava como condição para a condução legítima do outro. Trata-se de um trabalho ético de constituição de si, marcado por atenção reflexiva e por uma conversão do olhar sobre si mesmo. Nas palavras do autor, “A *epiméleia heautoû* é também uma certa forma de atenção, de olhar. Cuidar de si mesmo implica que se converta o olhar, que se conduza do exterior [...], dos outros, do mundo, etc. para ‘si mesmo’” (Foucault, 2006, p. 14). Deste modo, a posição de sujeito inscrita no cartum faz significar que, para sustentar legitimidade em seu dizer, aquele que se propõe a orientar o outro deveria também voltar-se reflexivamente para si mesmo e para sua própria condição de felicidade.

O humor é produzido justamente no momento da percepção suscitada por “mas nem você está feliz”, mediante uma estratégia enunciativa de construção do efeito de humor que explicita a incongruência entre a promessa de felicidade e a condição afetiva do próprio sujeito que a formula. É nessa discordância que se produz o risível, na medida em que o sentido inicialmente projetado é abruptamente deslocado através de um tom de incongruência, conforme Serafim et al.

(2025, p. 10), “o humorista conta uma história que a plateia já supõe como será o final, mas traz um final inesperado deixando os ouvintes confusos com a falta de lógica da piada ou pelo absurdo que as ideias manifestam, provocando o riso”.

CONCLUSÃO

Ao longo deste escrito, tornou-se possível observar que a proliferação contemporânea de discursos que articulam felicidade, bem-estar e realização pessoal à produtividade, ao gerenciamento de si e à responsabilização individual indica que ser feliz, na sociedade neoliberal, deixou de constituir-se como uma experiência contingente da existência para assumir o estatuto de imperativo normativo, valor moral e horizonte regulador da vida.

Nessa racionalidade, os sujeitos são continuamente interpelados a investir sobre si, administrar seus afetos, performar positividade e converter a própria existência em um empreendimento orientado pelo sucesso, pela superação e pela autorrealização contínua. Todavia, se tal racionalidade busca conformar modos específicos de sentir, agir e existir, ela também faz emergir práticas discursivas que interrogam suas evidências, deslocam seus sentidos e instauram brechas em seu funcionamento.

A partir das análises, vimos que o humor gráfico, ao tensionar os regimes de verdade que sustentam o imperativo da felicidade neoliberal, amplia os campos de visibilidade e as possibilidades de enunciação de outras experiências de vida historicamente deslegitimadas por essa racionalidade, como a crítica às fórmulas por meio das quais se procura promover a felicidade (figuras 2 e 3), o fracasso durante o percurso em ser feliz (figura 2) e o otimismo discursivizado como uma prisão (figura 1). Em termos foucaultianos, isso significa afirmar que tais práticas discursivas fazem ver aquilo que os discursos hegemônicos procuram obscurecer e tornam enunciável aquilo que, com frequência, permanece interdito.

Por fim, compreendemos que o humor atua como estratégia discursiva de resistência ao imperativo da felicidade neoliberal, ao deslocar sentidos estabilizados sobre felicidade, tornar enunciáveis experiências afetivas marginalizadas e favorecer a emergência de outros modos de subjetivação menos capturados pela obrigação de performar um bem-estar ininterrupto.

REFERÊNCIAS

CABANAS, Edgar; ILLOUZ, Eva. **Happycracia: fabricando cidadãos felizes**. Tradução de Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CAMALIONTE, Letícia George; BOCCALANDRO, Marina Pereira Rojas. Felicidade e bem-estar na visão da psicologia positiva. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, v. 37, n. 93, p. 206–227, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=94654179004>. Acesso em: 3 fev. 2026.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução de Mariana Echalar. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIVERTIDA Mente. Direção: Pete Docter e Ronnie Del Carmen. Estados Unidos: Pixar Animation Studios; Walt Disney Pictures, 2015. 1 DVD.

EAGLETON, Terry. **Humor: o papel fundamental do riso na cultura**. Tradução de Alessandra Borunquer. Rio de Janeiro: Record, 2020.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. O que são as luzes? In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos II: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. p. 335-349.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 25. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2025.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. Tradução de Valerio Rohden e Antônio Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

PALUDO, Simone dos Santos; KOLLER, Sílvia Helena. **Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões**. São Paulo: Paidéia, v.17, n.36, p.9-20, 2007.

PAVEAU, M. A. **Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas**. Campinas: Pontes Editores, 2022.



PIVA, Gabriela. **Brasil é termômetro para avaliar o futuro do Instagram**. CNN Brasil, 06 out. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/brasil-e-termometro-para-avaliar-futuro-do-instagram-diz-vp-da-rede-social/>. Acesso em: 13 jul. 2026.

PROPP, Vlâdmir. **Comicidade e riso**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Editora Ática, 1992.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Tradutores: Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

SANTOS, Roberto Elísio dos. Reflexões teóricas sobre o humor e o riso na arte e nas mídias massivas. In: SANTOS, Roberto Elísio dos; ROSSETTI, Regina (org.) **Humor e riso na cultura midiática: variações e permanências**. São Paulo: Paulinas, 2017. p. 13–28.

SELLIGMAN, Martin E. P. **Florescer: uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem-estar**. Tradução de Cristina Paixão Lopes. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

SERAFIM, Naruna Gabrieli; SILVA, Natã Franco de Oliveira; MORET, Márcia Cristina Florêncio Fernandes; LOPES, William Araújo. **O humor e as teorias do riso**. *Revista FIMCA*, v. 12, n. 1, p. 7-12, abr. 2025.

Recebido em 30 de maio de 2026.

Aprovado em 16 de julho de 2026.